

Amigxs do Cinema, Sujeitos e Territórios,

Esta sexta 17/05, teremos mais um encontro prático com oficinas e dinâmicas! A partir das 14h na Sala C304 do IACS.

E também estaremos nesta quarta, dia 15, das 11 às 12:30, com uma tenda na Praça Araribóia conversando sobre Cinema e Educação. Dêem uma passadinha por lá! :)

Parece que não estava dando para acessar as fotos do encontro do dia 03/05. Reenviamos o link para o drive e também para o imgur:

–

<https://drive.google.com/drive/folders/1wqaMdD5MlqIQiwB5yI5iv7Y7kcDW8s5T?usp=sharing>

– <https://imgur.com/a/zubAcHP>

No nosso último encontro (10/05), assistimos e conversamos sobre dois filmes, "O CONTO DO BURRO AMARELO" (Diana Mendes, 2017) e "A TERCEIRA MARGEM" (Fabian Remy, 2016).

Começando com O Conto do Burro Amarelo, conversamos sobre a conversão da contação de histórias em linguagem cinematográfica – um trunfo para colocar o imaginário popular daquela região em um filme. Primeiro, éramos sempre apresentados a novos personagens que adicionavam camadas ao objeto procurado, (re)contando algum caso do Burro Amarelo e adicionando novas informações a cada vez. Falamos também da utilização de desenhos, que fomentavam a ideia da recuperação da memória a respeito de um ser imaginário que, para aquela comunidade, podia ser real até demais. Os desenhos apareceram como uma forma de construir, na imagem, a realidade de algo que não estava no mundo, mas no imaginário: o burro verdadeiro que aparece no fim do filme não tinha estatuto nenhum de realidade cinematográfica se comparado aos desenhos que vêm logo em seguida – tanto concluímos que a retomada aos desenhos, substituindo o burro “verdadeiro”, agradaram mais ao grupo. Isso nos levou a considerar o cinema de animação (que, cabe dizer, para as crianças é tão real quanto uma filmagem qualquer) e o modo como os filmes do Studio Ghibli conseguem preservar uma certa dimensão vazia, calma, despreocupada com propósitos, e que, por isso mesmo, eles conseguem deixar espaços para interferências de quem os assiste – e destacamos como isso se perdeu nos filmes que produzimos aqui no ocidente atualmente. Falando sobre os narradores (no sentido de “os contadores de história”), Walter Benjamin faz essa ligação entre a história oral, características de ambientes de vida pacata (contrários às grandes metrópoles), e o ritmo que ela estabelece para a interpretação. Eis uma defesa do tédio para que a narrativa alcance seu potencial:

“Quanto maior a naturalidade com que o narrador renuncia às sutilezas psicológicas, mais facilmente a história se gravará na memória do ouvinte, mais completamente ela se assimilará à sua própria experiência e mais irresistivelmente ele cederá à inclinação de recontá-la um dia. Esse processo de assimilação se dá em camadas muito profundas e exige um estado de distensão que se torna cada vez mais raro. [...] Contar histórias

sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas. Ela se perde porque ninguém mais fia ou tece enquanto ouve a história. Quanto mais o ouvinte se esquece de si mesmo, mais profundamente se grava nele o que é ouvido. Quando o ritmo do trabalho se apodera dele, ele escuta as histórias de tal maneira que adquire espontaneamente o dom de narrá-las. Assim se teceu a rede em que está guardado o dom narrativo. E assim essa rede se desfaz hoje por todos os lados, depois de ter sido tecida, há milênios, em torno das mais antigas formas de trabalho manual.”

Falamos também sobre como o primeiro filme utiliza a entrevista de personagens locais como forma de chegar mais perto de seu ser mitológico, o Burro Amarelo. Contudo, os entrevistados não são apenas um meio, mas são vistos como parte construtora desse ser imaginário (afinal, o Burro Amarelo, conforme a contação oral, só existe à medida que se conta histórias sobre ele), assim são tratados com a devida importância. É possível identificar camadas em sua caracterização, seja na fala, na dança, ou no cenário. Daí a importância das falas que, por vezes, nem conseguíamos entender: os microfones ou foram deixados abertos para as interferências do ambiente, ou essas interferências foram adicionadas depois, na pós-produção; nos dois casos, intencionalmente, porque o meio em que aquelas pessoas se inseriam era tão importante para constituí-las como personagens quanto o conteúdo das falas. Pensamos isso até de modo comparativo: enquanto para o primeiro filme a preocupação parecia estar mais com a textura vocal regional do que a informação, para o segundo – *A Terceira Margem* –, é priorizada a informação clara (não só na clareza dos sons, mas no didatismo das explicações eles carregavam).

Por vezes, a informação se colocava acima das personagens e encontrávamos dificuldade em nos relacionar com os que rodeavam o protagonista ao longo das entrevistas. O que chama atenção em *Thini-a* é justamente o seu caráter de mobilidade – característica que guia os dois filmes. Ele é um personagem de não lugar, não pertencimento. Uma temática comum nos dias de hoje. *Inclusive, esse colocação nos remete ao nosso primeiro encontro prático, onde a pergunta "De onde você é?" nos levou a pensar no nosso lugar de pertencimento.* Pensamos que daí viria o nome do filme: *A Terceira Margem*, como um terceiro lugar entre os dois lados dos índios e das grandes metrópoles. Está nessa posição quem, por não pertencer por completo a nenhuma, pode ir e vir entre elas.

Nesse momento, cabe uma visita às palavras do João Moreira Salles para pensar nas diferentes formas com que os dois filmes abordam o cinema documentário:

“A fórmula tradicional do documentário pode ser resumida a **eu falo sobre você para eles**. Existe o documentarista, eu, existe o personagem, você, e existem eles, os espectadores. Na maioria das vezes, entretanto, essa fórmula na verdade significa **eu falo sobre ele para nós**, uma vez que o público de documentários é sempre mais parecido com o documentarista do que com o índio, o menino de rua, o nordestino da seca, o artista popular, o bandido ou o esquimó que formam o elenco-padrão do gênero. [...] Mas nesse ponto é preciso fazer uma observação importante: nos últimos anos, o cinema documental vem tentando encontrar modos de narrar que revelem, desde o primeiro contato, a natureza dessa relação. São filmes sobre encontros. Nem todos são bons, mas os melhores tentam transformar a fórmula **eu falo sobre ele para nós** em **eu e ele falamos de nós para vocês**. Desse encontro nasce talvez uma relação virtuosa entre episteme e ética. Filmes assim não pretendem falar do outro, mas do encontro com o

outro. São filmes abertos, cautelosos no que diz respeito a conclusões categóricas sobre essências alheias. Não abrem mão de conhecer, apenas deixam de lado a ambição de conhecer tudo.”

No nosso último encontro, tivemos a surpresa em encontrar filmes de temáticas similares, mas com abordagens cinematográficas distintas. A cada sessão fica mais claro que cabe ao grupo continuar o empenho em analisar as formas de construção dos sujeitos na tela e construir novas possibilidades de relações democráticas de representação através de sons e imagens.

Os dois textos citados:

- “O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”, do Walter Benjamin. Pdf: <http://bit.ly/2vYdQt4>
- “A Dificuldade do Documentário”, do João Moreira Salles. Pdf: <http://bit.ly/30hlddd>

Até a próxima,

Ana Luisa e Keven